



Editorial

Caro leitor! Bem-vindo a mais uma edição da revista electrónica Energia & Indústria Extractiva Moçambique, o seu canal de informação quinzenal para o sector de mineração em território moçambicano.

Partindo do princípio que qualquer que seja a acção política de um indivíduo, governo ou organização passa pela comunicação. Assim, podemos arriscar afirmar que Política é Comunicação.

Governar, fazer oposição, defender uma causa, uma ideologia, entre outros, tudo passa pela comunicação. Seja qual for o sistema político ou organização do Estado. A própria legitimação do sistema assenta nesta capacidade de bem comunicar, usando de forma eficiente os instrumentos comunicacionais disponíveis nessa sociedade. Quanto mais informações houver melhor se conhece a governação, a transparência de um Estado; mais se afirma a democracia desse território.

Uma política de comunicação eficaz, para todos, ajuda, coopera e é um elemento vertical de boa governação e de transparência para um determinado governo e o respectivo povo que representa. O que nos leva uma vez mais a afirmar que, quanto mais fortalecidos forem os *media*, o povo só tem a agradecer.

Entretanto, não poucas vezes, a dificuldade de um Governo em comunicar com o seu povo tem sido colocada como um dos principais problemas de governação no mundo. Moçambique não foge a regra!

Em respeito ao princípio de cidadania convidamos aos estimados leitores, a subscreverem o e-Magazine quinzenal, enviando-nos o seu endereço electrónico para fazer parte da lista de personalidades que recebem esta publicação oferecendo a sua opinião.

Boa leitura e até a próxima!

RISCOS POLÍTICOS NA EXPLORAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS: O CASO DE MOÇAMBIQUE



Os riscos devem ser tomados em conta em qualquer actividade comercial, em qualquer investimento, grandes ou pequenos. É algo que os investidores devem apenas gerir, pois na sua essência são difíceis de se evitar. Neste artigo pretende-se fazer um breve debate sobre os riscos políticos nos grandes investimentos do sector extractivo, particularmente na exploração dos recursos naturais, olhando para o caso particular de Moçambique. Como é sabido, os riscos políticos são “omnipresentes” nesse sector, principalmente para países emergentes, fangirados por ter instituições frágeis e grupos de interesses em constantes disputas.

ENTENDE-SE por risco político a capacidade de uma determinada acção política impactar a economia e os mercados. Não diferente de ne-nhuma outra forma de risco – como os já conhecidos riscos económicos, de crédito ou até de desastres naturais – riscos políticos são geralmente mais difíceis de se quantificar e prever, razão pela qual muitas vezes são desconsiderados pelos governos ou mesmo pelas grandes corporações (Holt, 2013).

Como sugere Tim Holt, essencialmente, quando um Estado é incapaz de garantir

a segurança, aumentar a receita ou atender às expectativas de seu povo em relação a suas necessidades sociais e económicas, a instabilidade e incerteza é provavelmente uma possível falha. Enquanto isso, os limites indeterminados das capacidades do Estado podem produzir sérios desafios para as cadeias de abastecimento que, como riscos, transcendem fronteiras, regiões e sectores. A estes aspectos, juntam-se as tensões sociopolíticas não resolvidas,

Cont. pag. 2 ➔

PUB.

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA

O Orgulho de Moçambique

www.hcb.co.mz

5
2007-2012 • 5º Aniversário da Parceria

← Cont. da pág. 1

fundadas em fissuras etnolinguísticas, religiosas e ideológicas.

Um exemplo, trazido por este autor, é o da região do Sahel, onde grupos arma-

dos numa mescla com grupos criminosos organizados e fundamentalistas operam, através das fronteiras, aproveitando vácuos de poder, as tensões sociais e inadequações de segurança agravados pela má governação

Estas referências de Tim Holt leva-nos a uma reflexão sobre moçambique, um país

com grandes potencialidades de recursos naturais, que dispõe de uma indústria extractiva crescente e os investimentos conhecem níveis galopantes já mais vistos na história do país. Junto a esse crescimento, a expectativa igualmente sobe e a pressão sobre o governo também é maior, a percepção e sentimento de exclusão é permanente em vários grupos sociais e de interesse. Estes aspectos todos incrementam de uma forma natural os riscos políticos.

Portanto, abre-se uma frente importante para o governo particularmente acautelar todos os contornos da exploração dos recursos naturais, é necessário fazer uma análise contextual dessa exploração e não ignorar todos os sinais sociais que apontam para a eclosão de uma hecatombe social e político-militar. Pois, a ser assim, todo o esforço de reconstrução de um país e a esperança de ter um Moçambique estável esvanecem. Os riscos políticos por si chamam a atenção para a importância de se enveredar pela boa governação, a transparência, a prestação de contas, inclusão social, estes aspectos devem ser permanentes na condução da nação.

Entretanto, os riscos políticos não são somente responsabilidade do governo, as empresas envolvidas na exploração de recursos naturais desempenham um papel fundamental. É importante que as empresas entendam o impacto das suas actividades na comunidade, como alerta Holt.

É preciso perceber-se como os recursos das empresas influenciam os divisores e conectores da região, alimentando as capacidades de estabilidade ou agravamento dos conflitos, neste contexto, é fundamental que as corporações colaborem de forma horizontal com as comunidades e o governo, de forma a mitigar, moldar e evitar essas ameaças permanentes. ■

EMPRESAS & INDÚSTRIA

Ncondezi Coal atrai novo investidor

A Ncondezi Coal Company (LON: NCCL) conquistou um novo investidor. Trata-se da Kulczyk Investments, que passa a deter uma participação directa de 9,2% no grupo mineiro e energético baseado em Moçambique.



recursos minerais, infra-estrutura e imobiliário.

A Kulczyk tem participações em activos de petróleo e gás em grande parte das operações de exploração da indústria, bem como participações na San Leon Energy e Zanaga Iron Ore.

“Posso arriscar em afirmar que a Kulczyk deverá ter um papel mais importante a desempenhar no financiamento do projecto uma vez que o contrato de compra de energia já foi concluído com o governo moçambicano. O comércio também deverá arear o recente excesso de stock. “

Em um anúncio separado, foi revelado que o investidor institucional, Henderson, também havia adquirido uma participação na Ncondezi abaixo de 5%. ■

A KULCZYK é descrita como uma sociedade internacional de investimentos, com foco em oportunidades nos mercados emergentes globais, e foco estratégico nos sectores de energia,

PUB.

PETROMOC

FAZ DO MEIO AMBIENTE O SEU MEIO DE VIDA.

Ao longo destes **35 anos** de existência, comercializamos produtos petrolíferos e seus derivados, sempre engajados no uso de tecnologias menos poluentes e amigas do ambiente.

EVENTOS & MINERAÇÃO

4ª CONFERÊNCIA

ANUAL DO CARVÃO EM MOÇAMBIQUE



O **EVENTO** deste ano será realizado de 15-16 de Julho, no Hotel Avenida, em Maputo. Sendo que, desde o seu evento inaugural, em 2010, a Conferência do Carvão do IMM tem sido o principal evento da indústria global de carvão, contando com a participação de grandes figuras do sector tais como, ministros do Governo moçambicano, líderes do sector, partes interessadas da indústria do carvão, que se reúnem na capital do país com vista a discutir projectos novos e actuais e os desafios relacionados à infra-estruturas, incluindo aspectos-chave da logística de transporte, ferrovias, estradas e portos.

Com mais de 20 oradores de destaque, incluindo:

- Esperança Bias, Ministra dos

Recursos Minerais, Moçambique;

- Roger Downey, director-executivo de Fertilizantes e Carvão, VALE;
- Yasushi Aoki, gerente geral de Desenvolvimento de Matérias-Primas, da Nippon Steel e Sumitomo Metal Corporation;
- Andrew Woodley, director administrativo da Rio Tinto Coal Mozambique.

Não perca esta grande e única oportunidade de ouvir em primeira mão informações de executivos seniores do sector da mineração em Moçambique e fora! ■

Eventos da indústria da Mineração

04-06 Setembro 2013

Local: Hotel Girassol Indy Village, Maputo - Moçambique

Web: www.coalproductionmoz.com

Email: enquiry@iqpc.co.za

Descrição do Evento:

Desbloquear o valor: Mapeando o crescimento da indústria de carvão em Moçambique

Após o grande sucesso da conferência Coal Mozambique 2012, apoiada pela Associação Moçambicana para o Desenvolvimento do Carvão (AMDCM) e aprovado pelo Ministério dos Recursos Minerais de Moçambique, a Mining QI tem o prazer de anunciar a **3ª conferência anual Coal Moçambique 2013** a ter lugar em Maputo, de 04 a 06 Setembro de 2013.

A 3ª Conferência do carvão irá providenciar-lhe uma plataforma ideal para discutir questões vitais que transformam o dinâmico sector do carvão, bem como, reunir-se com os principais decisores da região impulsionadores de mudanças na indústria.

Ter conhecimento dos progressos a decorrer a partir dos próprios produtores de carvão, saber como os níveis de produção estão a aumentar e que as perspectivas que eles enfrentam na questão do processo de escoamento desse produto mineral, como as infra-estruturas de carvão em Moçambique estão a adaptar-se para o transporte de quantidades de carvão cada vez crescentes no mercado de exportação e como os principais projectos podem superar os desafios logísticos para assegurar o financiamento necessário.

Novidades para 2013:

- actualização dos projectos – Levar o carvão para o mercado de exportação;
- equilibrar as implicações sociais do desenvolvimento do carvão;
- as operações mineiras e a economia;
- melhorar os sistemas de treinamento para conduzir o desenvolvimento de competências internas;
- actualização da Lei de Minas;
- avaliação do mercado de compradores - posicionamento competitivo de Moçambique no mercado global de carvão de coque;
- oportunidades regulatórias e de investimento.

Para mais informações visite: www.coalproductionmoz.com, envie um e-mail para enquiry@iqpc.co.za ou ligue para 011 275 0126.

Poderá ainda falar com:

Olivia Mtshali

Gestora de Marketing - IQPC, África do Sul
Nº 377, Rivonia Boulevard, Sandton

Tel: +27 112750247 • Fax: +27 112750290

Email: olivia.mtshali@iqpc.com

Web: <http://www.iqpc.com>



MOZAMBIQUE COAL

International Mining and Metals Series

informa

15 -16 July 2013

Avenida Hotel, Maputo

ENERGY & PRODUCTION

Moçambique: Quando um país apercebe-se do seu potencial!

Parece que Moçambique está finalmente a entender o que fez com que as grandes potências ocidentais e orientais mudassem a sua visão de um país do terceiro mundo, paupérrimo e sem futuro para um potencial com condições mais que suficientes para tornar-se o próximo gigante energético. Só mesmo depois que os preços do petróleo começaram a subir a cerca de 20 anos atrás é que a exploração começou realmente a ser vista com seriedade.



NA VERDADE, foi mesmo, acompanhando as sucessivas descobertas feitas pela Sasol, Anadarko e Eni durante os últimos dez anos, que os investidores de diversos pontos do mundo começaram a tomar nota e interessar-se pelo país, aguardando por descobertas ainda maiores.

A Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH), Anadarko, Mitsui, Bharat PetroResources, Videocon e PTTEP, todos proprietários de uma participação nas áreas de exploração de gás natural em Moçambique, que se diz deter até 100 triliões de pés cúbicos de gás natural. O bloco 4 é controlada pela Eni, Galp Energia, Kogas, ENH, e China National Petroleum Corporation, e todos afirmam a possibilidade de a região vir a albergar até 80 triliões de

pés cúbicos de gás.

A dimensão das descobertas que estão a ser feitas são suficientemente grandes o suficiente para justificar um grande projecto de exportação de Gás Natural Liquefeito (GNL). Sendo que a primeira fase já estará pronto para entrar em operação em 2018, e será composta de quatro comboios de GNL, com capacidade para 5 milhões de toneladas por ano. A maior parte deste GNL será exportado para a Ásia, onde a demanda por gás natural está a crescer rapidamente e empurrando os preços para as nuvens. E mais, já existem planos para, em seguida, ampliar as instalações no futuro.

(Por João Peixe da Oilprice.com) ■

Breves

Grupo chinês Africa Great Wall Mining Development vai explorar areias pesadas na Zambézia



A EMPRESA de capitais chineses Africa Great Wall Mining Development Company, Limitada deverá iniciar no final do ano a exploração e processamento de areias pesadas nos distritos de Nicoadala, Inhassunge e Chinde, província da Zambézia, noticiou a Rádio Moçambique.

A data de início está condicionada à aprovação do estudo de impacto ambiental que vai ser analisado em Agosto próximo pelo governo da província da Zambézia. Com um investimento orçado em 130 milhões de dólares, o projecto contempla ainda a construção de instalações portuárias em Quelimane, bem como obras de melhoria de estradas e outras despesas de carácter social. ■

Afrifocus Resources faz prospecção de titânio em Angoche

A AFRIFOCUS Resources Limitada, empresa de capitais indianos, obteve uma licença para prospectar titânio e outros metais associados nas linhas localizadas ao largo do distrito costeiro de Angoche, na província de Nampula, de acordo com o chefe dos serviços de actividades económicas do distrito.

Miguel Massunda Júnior disse que a prospecção vai realizar-se durante o período de um ano e vai incidir sobre a ilha de Catamoio, a maior do arquipélago de Angoche, para além da zona do posto administrativo de Aúbe e junto do rio Meluli. ■

MULHERES NA MINERAÇÃO

Mulheres continuam sendo minoria num ambiente de mineração tradicionalmente masculino

Empregar mulheres sem uma análise cuidadosa do ambiente da mineração, tradicionalmente dominado por homens pode culminar na exploração e assédio sexual das mesmas, disse David van Wyk, pesquisador-chefe da The Bench Marks Foundation.



“**APESAR** de a fundação ter destacado questões relativas a mulher na indústria de mineração em vários relatórios de pesquisa nos aspectos sociais, económicos e ambientais nas minas, sendo que o primeiro dos quais foi lançado em 2007, a fundação ainda está a receber relatos de uma falta de instalações para as mulheres em algumas minas e descobrimos que muitas vezes as mulheres ainda encontram-se como objectos de assédio sexual”, disse o director-executivo do grupo, John Capel, através de um comunicado.

A pesquisa realizada pela fundação através de monitores da comunidade que interagem regularmente com comunidades mineiras e em torno da área de Rustenburg, na África do Sul, sugere que as mulheres muitas vezes não conseguem atender as demandas do ambiente de trabalho, por qualquer razão, e os homens, em seguida, oferecem-se para assumir o seu trabalho em troca de favores sexuais.

David van Wyk ressalta que as entrevistas conduzidas pela Universidade de Witwatersrand, a estação de rádio Voice of Wits FM, no mês passado, confirmaram os resultados da pesquisa realizada pelas

Bench Marks.

“Os homens reclamam que as mulheres em suas equipes devem ser responsabilizadas pelo não cumprimento das metas, o que por sua vez leva a transacções envolvendo favores sexuais para compensar o que os homens consi-

deram a desvantagem de ter uma mulher na equipe,” explicou.

Enquanto isso, enquanto a maioria dos homens empregados nas minas são trabalhadores migrantes, as mulheres tendem a vir da comunidade local, o que torna a situação mais complexa, já que a maioria destas mulheres são casadas com homens que estão desempregados.

Caso as mulheres engravidem, a tensão nesses lares aumenta à medida que os seus maridos, muitas vezes afirmam desconhecer o pai dos filhos de suas esposas.

“Há muitas coisas que precisam ser considerados quando uma mulher é empregada em um ambiente dominado por homens, e as instituições de direito não prestam atenção suficiente para isso”, disse Van Wyk.

De acordo com Van Wyk, a promoção de uma maior inclusão do género nas diferentes frentes de trabalho na indústria de mineração não leva em consideração que o processo de trabalho na indústria tinha que ser cuidadosamente estudado para determinar maneiras recomendáveis pelas quais as mulheres possam ser alocados no trabalho, que não culminem com

a sua exploração.

Van Wyk sugere que as mulheres sejam empregues como operadoras de máquinas e motoristas, posições onde as mulheres não estariam tão envolvidas numa multidão de homens.

No entanto, essas mulheres requerem treinamento especial para fazer o trabalho, que é algo que tem que ser tratado pela mineradora em causa.

“Além disso, as empresas de mineração também deveriam redesenhar o sistema de bonificação salarial, já que as mulheres empregues em papéis secundários, actualmente não tem a opção de ter acesso a prémios de desempenho, o que, por sua vez, também leva a transacções sexuais, já que as mulheres estão em busca de maneiras alternativas para complementar o seu salário básico.

A Fundação The Bench Marks acredita que os governos devem investigar regularmente as condições de trabalho das mulheres empregadas nas minas, enquanto as empresas de mineração devem prestar mais atenção a esse género.

“As empresas de mineração devem realizar a sua própria investigação sobre o assunto e elas devem ser honestas sobre os resultados a serem tornados públicos”, frisou. ■

Moçambique: Três dignitários entram nos diamantes



TRÊS membros proeminentes da Frelimo, especificamente dois ex-ministro e um em serviço, estão cada vez mais envolvidos no trabalho de exploração de pedras preciosas no país. ■

Estaremos já a viver o fenómeno da maldição dos recursos?!

Moçambique pode estar na situação de “maldição dos recursos naturais”, advertem ONGs nacionais e estrangeiras. Num encontro em Maputo elas criticaram vários aspectos da gestão dos recursos, e também deixaram sugestões durante o evento decorrido nos dias 22 e 23 de Maio último, na capital moçambicana intitulado “Conferência Internacional sobre Governação da Economia Extractiva”, cujo tema foi “Recursos Naturais: Bênção ou Maldição”.

O CPI, Centro de Integridade Pública, criticou, por exemplo, o secretismo na celebração dos contratos entre as multinacionais e o Governo.

De acordo com Adriano Nuvunga, director da organização, o Estado não tem metade do que se sabe sobre as receitas da produção do gás natural da petroquímica sul-africana Sasol: “A desproporção é tão grande que estas empresas estão preparadas não só para se beneficiar por via

argumento: “Nalguns países africanos, a existência e exploração não se tem traduzido em crescimento económico que se converta em desenvolvimento humano, embora os mesmos estejam a ser explorados há décadas.”

Face a esse exemplo a colaboradora da organização dinamarquesa deixa uma sugestão ao Executivo de Armando Guebuza: “Daí justificar-se que Moçambique reflecta sobre o que pretende que seja

uma boa governação para que as pessoas se possam beneficiar para alcançar o desenvolvimento social, económico e ambiental desejado. Não só hoje mas também amanhã.”

Aliás, a organização de defesa dos Direitos do Homem Human Rights Watch (HRW) acaba de publicar um relatório sobre o assunto, no qual recomenda ao Governo de Moçambique a trabalhar com as multinacionais Vale e Rio Tinto, para que a população tenha terras férteis.

“O que é uma casa sem alimentos?” é o título do relatório da HRW que também denuncia que comunidades estão a viver períodos de incerteza alimentar ou ficam na dependência directa da Vale e da Rio Tinto, as duas companhias com as maiores concessões mineiras no distrito de Moatize.

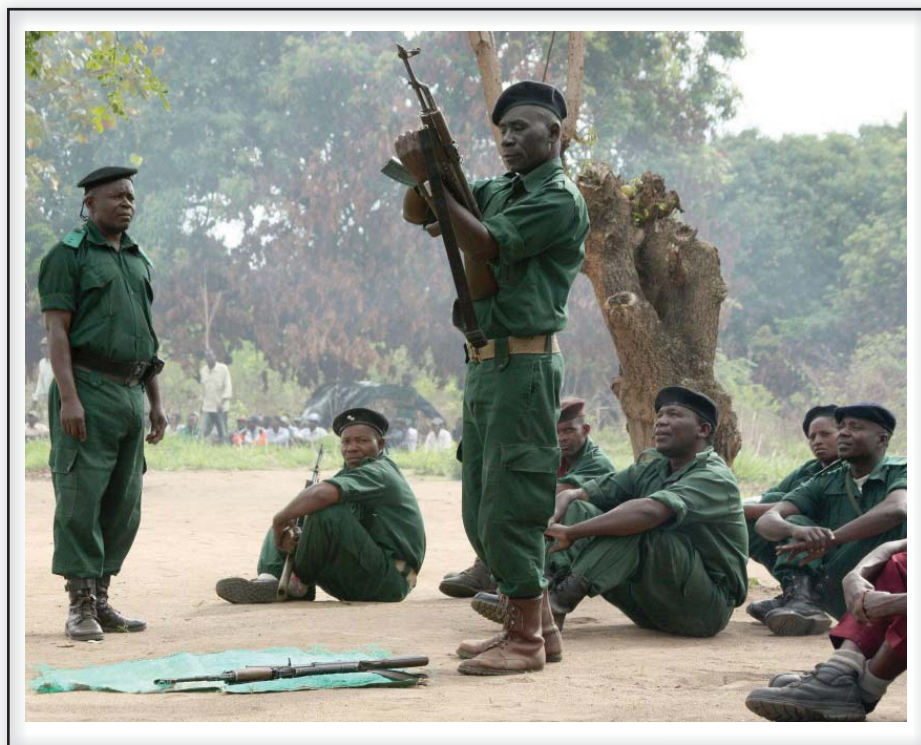
Este problema está a afectar 1.429 residentes em Tete, uma província onde se estima possam vir a ser extraídas 23 mil milhões de toneladas de carvão, de acordo com informações governamentais divulgadas em 2012.

A pesquisadora daquela organização internacional, Nisha Varia, disse ter constatado que os oleiros não dependiam de ninguém para a sua sobrevivência: “Era uma comunidade auto-sustentada. Vivia igualmente de outras profissões, como a extracção de ouro e agricultura. Havia mercados perto para vender os seus produtos ou comprar. Agora têm de percorrer 40 quilómetros para encontrar mercados, em Moatize.”

A pesquisadora refere que a população devia ter terra fértil para continuar a produzir alimentos. Como tal, o Governo deve assumir estas responsabilidades dos reassentamentos: “Quando o Governo publicou um decreto em 2012, para retirar a população, esta não foi consultada, nem algumas organizações não governamentais foram ouvidas.”

Nisha Varia questiona ainda o processo de reassentamento: “Não houve transparência e quando a população é transferida não deve esperar muito tempo para que as condições da sua vida melhorem.”

Entretanto, em comunicado, a empresa brasileira Vale reagiu às críticas da HRW, afirmando que respeitou “os direitos humanos e padrões internacionais”, acrescentando que iria seguir as recomendações da organização, embora algumas das queixas apresentadas já estejam a ser solucionados na altura da publicação do relatório daquela organização internacional.



de cláusulas contratuais excessivamente generosas, como também, e sobretudo, através de todos os esquemas que vão fazer para não pagar.”

Em África, as multinacionais exploram recursos há mais de 10 anos, mas continuam pobres e dependentes da ajuda externa. Segundo a IBIS, uma ONG dinamarquesa, a situação é inexplicável.

Anne Hoff, da IBIS, fundamenta o seu

a sua situação, aprendendo com o que sucedeu ou está a suceder noutros contextos.”

Por seu lado, a embaixadora da Suécia em Moçambique, Ulla Andrés, disse que o mais importante para que os recursos não sejam uma maldição, é a existência de um quadro legal claro, eficaz e não só.

Ulla Andrés alerta ainda para uma visão a longo prazo: “É fundamental que haja

MEIO AMBIENTE & LEGISLAÇÃO

Lixo gerado por petroquímicas é nocivo ao meio ambiente



De olhos nas operações de exploração de petróleo e gás na bacia do Rovuma, achamos ser de bom-tom estar um passo a frente na abordagem de assuntos relacionados com o sector, para atenção de quem de direito, no sentido de precavermo-nos dos possíveis impactos nocivos ao ambiente, derivados das operações *offshore*.

ORA, é de conhecimento geral, ou devia ser, que nenhum processo de tratamento residual é infalível. Os processos petroquímicos que consistem na obtenção de derivados químicos a partir de combustíveis fósseis, por exemplo, produzem imensas quantidades de rejeitos em escala industrial, como efluentes líquidos, emissões gasosas e resíduos sólidos, muitos dos quais causam impactos significativos à saúde e ao meio ambiente, daí o nosso alerta.

Segundo a pesquisadora Rachel Davis, as emissões gasosas são produtos das emissões de fugas de gases das bombas, válvulas, tanques de armazenamento e operações de carga e descarga, dentre outros. Na maioria das vezes, os rejeitos são tóxicos ou cancerígenos, como por exemplo, emissões de material particulado, monóxido de carbono, óxidos de nitrogénio e de enxofre. Usualmente há também a emissão de compostos orgânicos

voláteis, como o benzeno, tolueno, tricloroetileno, triclorotolueno e xileno, tóxicos em quantidades ínfimas.

Os resíduos sólidos e o lodo provenientes dos processos petroquímicos também são perigosos por causa da presença de compostos orgânicos tóxicos e metais. Este tipo de resíduo geralmente é tratado através da combustão, que é considerada uma tecnologia eficaz de tratamento para resíduos orgânicos petroquímicos, que libera, porém, quantidades enormes de emissões gasosas, resultando em problemas citados acima. Em alguns casos, os resíduos sólidos também podem necessitar de pré-tratamentos para remoção de metais, por exemplo, antes de poderem ser levados a aterros sanitários, podendo gerar mais resíduos provenientes das etapas de tratamento.

Já os efluentes líquidos destes processos petroquímicos incluem, águas residuais contendo a matéria-prima prin-

cipal ou subprodutos produzidos durante as reacções, provenientes de derrames e lavagem de reactores ou de torres de resfriamento, da condensação de vapor e da lavagem geral. O tratamento de efluentes líquidos da indústria petroquímica requer com frequência uma combinação de diferentes processos, como decantação, centrifugação para remoção do óleo e outros contaminantes antes de serem descartados no meio ambiente. No caso da remoção dos metais, geralmente uma combinação de oxidação/redução, precipitação e filtração é usada, e na remoção de compostos orgânicos uma combinação de arraste com ar ou vapor, absorção em carvão activado, degradação por oxidação, e outras técnicas.

Para a pesquisadora, o problema é que muitas vezes os efluentes finais são simplesmente despejados em corpos hídricos, e embora tenham passado por diversos tipos de tratamento, nenhum deles é infalível. É possível verificar os resultados deste tipo de despejo na degradação cada vez maior do ambiente aquático, onde há efeitos negativos no local, como o crescimento da mortalidade marinha, o aumento da incidência de tumores e outros problemas cada vez mais frequentes.

Em Moçambique, há necessidade de começarmos a rever esses conceitos de tratamento de efluentes resultantes deste tipo de processo, ou, preferencialmente, nos focar em outros tipos de energia mais sustentáveis, principalmente, mais limpas, que não impactem de tal forma negativa o meio ambiente. ■



DISP. REG. Nº 5 GABINFO/DEC/2008

Ficha Técnica

Concepção Maquetização e Produção
AMEX - Associação Moçambicana para o Desenvolvimento
do Sector de Energia e Indústria Extractiva

Morada: Av. 25 de Setembro, nº 1123, 1º andar
Prédio Cardoso
Telef.: +258 21 32 71 17
Fax: +258 21 32 71 17
Director: Inguila Sevene
Editor: C. Ginabay
Colaborador: Alexandre Dunduro
Email: statusenergiamoz@status.co.mz
Website: www.status.co.mz e www.energiamocambique.co.mz

EMPREGO NA INDÚSTRIA PETRÓLEO & GÁS

Saúde em alto-mar: Como manter o bem-estar dos funcionários embarcados



O sector *offshore* é totalmente diferente de todos os ambientes de trabalho que se tem nas cidades. Por causa de suas actividades ininterruptas e condições extremas de operação que apresentam riscos técnicos, colectivos e ambientais, as embarcações em alto-mar, de acordo com a química e pesquisadora Rachel Davis, podem ser bem perigosas. Além disso, a distância e o isolamento também mexem com o psicológico de quem está em uma plataforma ou navio.

“O PROFISSIONAL embarcado precisa, necessariamente, ter capacidade de ficar longe dos amigos e familiares por longos períodos de tempo e, em alguns casos, sem acesso à ligações telefónicas ou computadores, o que obviamente é muito difícil para os que deixam familiares próximos e entes queridos, como filhos(as) e

marido/esposa em terra”, diz Rachel.

Porém, as embarcações não representam somente dias intensos de trabalho longe de casa. Visando o bem-estar de seus funcionários, empresas do sector montam esquemas que representam um modo de promover a saúde física e psicológica de seus funcionários. ■

Actualmente, as unidades marítimas mais modernas possuem instalações confortáveis, locais para a prática de actividades físicas e diversão. Para promover uma alimentação saudável e nutritiva aos tripulantes são montados cardápios baseados em alimentos funcionais que auxiliam na digestão e rápida absorção de nutrientes.

Segundo a pesquisadora, as empresas de petróleo e gás contratam ainda prestadoras de serviço em hotelaria marítima que realizam a manutenção da unidade, vistoriando a limpeza e higienização dos camarotes. De acordo com a nutricionista Isabel Portugal, que trabalhou por dez anos em plataformas da Petrobras e Chevron, todo o serviço hoteleiro está nas mãos de um profissional qualificado, o comissário offshore.

O clínico geral José Renato, que actuou como médico embarcado em plataformas da Sedco Express por oito anos, explica que actividades físicas como aulas de natação, recreação com jogos, música, DVD e televisão a cabo, são formas de distrair e ajudar na interacção social e aliviar a saudade de casa, que sempre ocorre no período de isolamento. “A presença de uma pequena academia, piscina e salas para actividades físicas são fundamentais e ajudam a manter a forma física deixando o corpo e a mente em equilíbrio”, explica.

José Renato diz também que a melhor opção para o medo da reclusão em alto-mar é o diálogo. “É preciso que o tripulante faça do médico um amigo e confiante, pois com a experiência do clínico fica mais fácil ajudar psicologicamente em caso de problemas. Ficar a bordo, com a cabeça longe, é factor negativo”, conclui. ■

PUBL.

Captada nas Profundezas do Monte Matianine NAMAACHA.

Oferecida à Humanidade pela natureza.

Rica em sais filtrados lentamente nas entranhas das rochas.

Bom complemento nutricional.

Engarrafada na origem por: MUL OSA, Lda
Tel/Fax: 21 303 814
Cell: 84 303 8140
Matianine
NAMAACHA
MOÇAMBIQUE

Preservar da Luz:
do Calor e de
Odores Fortes

A Fonte da Vida

PINGO DO MONTE®



ÁGUA MINERAL SEM GÁS

CONTEÚDO MINERAL:

Ph.....	7.35
Cálcio.....	2.40
Magnésio.....	2.44
Ferro.....	0.20
Sódio.....	50.00
Potássio.....	4.29
Bicarbonatos.....	73.81
Amónio.....	0.04
Nitratos.....	3.72
Cloretos.....	38.60



2588174044023

500ml

MOÇAMBIQUE:

Gás Natural é suficiente para exportação e consumo doméstico



Moçambique aposta no gás natural para desenvolver o país. A exportação aumenta e os moçambicanos são encorajados a optar por carros a gás. É neste contexto, que a falta pontual de gás de cozinha aparece como uma estrondosa contradição.

SEGUNDO um estudo publicado, este ano, pela universidade britânica de Oxford, as dificuldades são normais para um país onde a exploração das reservas de petróleo é incipiente, e onde, por norma, a maior parte da produção é exportada para a vizinha África do Sul.

Recorde-se que, em 2011, o abastecimento de gás para consumo doméstico chegou a falhar completamente na capital do país, Matola e Beira, facto que deveu-se à dependência da importação de gás refinado a partir da África do Sul, onde se verificaram, na altura, problemas de ordem técnica.

Desde aí voltaram a registar-se falhas pontuais de abastecimento, por exemplo, na primavera de 2012. Por outro lado, a distribuição interna já era precária, segundo o mesmo estudo,

intitulado “Gás na África do Leste – Potenciais de Exportação”. Entretanto, em Novembro do ano passado, o Governo moçambicano anunciou um investimento equivalente a 65 milhões de dólares norte-americanos no gasoduto de petróleo liquefeito na capital, Maputo, para aumentar a capacidade de recepção de gás de cozinha e facilitar a distribuição pelo resto do país.

Em todo o caso, num ponto os especialistas estão de acordo: “Moçambique tem reservas suficientes de gás para garantir o abastecimento interno e a exportação”. Não obstante, as projecções mais optimistas apontar 2015 como o ano em que Moçambique poderá começar a produzir 100 milhões de toneladas de gás por ano, iniciando a exploração efectiva das reservas com um valor calculado em

350 mil milhões de euros.

Um primeiro pequeno passo no fomento do uso doméstico começou já a ser dado com a conversão que habilita carros movidos a combustíveis fósseis a funcionar com gás. O número de automobilistas que prefere usar gás natural nas suas viaturas cresce em Moçambique. Nada mais normal numa altura em que o país se está a transformar num grande produtor deste recurso natural, considerado estratégico para fazer face à volatilidade dos preços dos combustíveis líquidos no mercado internacional.

AUTOMOBILISTAS ENCORAJADOS A CONVERTEREM CARROS

A Autogás é a empresa que, em parceria com o Governo, se encarre-

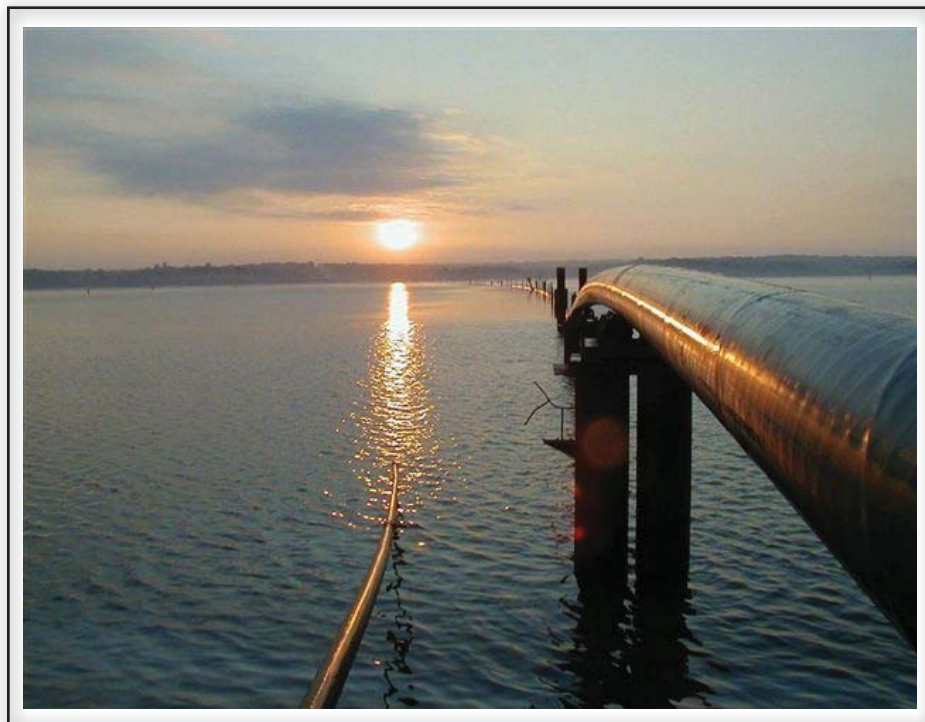
← Continuação da pág. 9

ga de converter viaturas para usarem gás, e tem-se esforçado em sensibilizar os automobilistas a recorrerem ao gás natural. Segundo dados divulgados pela empresa, trata-se de esforços coroados de êxito, já que a frota de viaturas movidas a gás tende a crescer no país.

E, por detrás da campanha está a ideia do governo de fazer face aos elevados custos de combustíveis líquidos, como a gasolina e o diesel, que têm que ser importados. Enquanto isso o preço dos combustíveis continua a subir: actualmente, o litro de gasolina custa o equivalente 1,20 euros, enquanto a mesma quantidade de gás natural custa 0,35 euros.

MELHOR PARA O MEIO AMBIENTE E PARA O BOLSO...

As emissões de gases poluentes para a atmosfera resultantes da queima de combustíveis fósseis reduzem com o uso do gás natural. O Governo moçambicano quer aproveitar agora também a quota das reservas de gás natural de Temane, na província meridional de Inhambane. João das Neves da Autogás diz que todos de-



viam usar este combustível: “O que nós podemos garantir é que substituindo o combustível convencional por gás é possível de facto reduzir os custos totais da operação num valor superior a 30%”. Segundo o responsável, trata-se de um valor que relativiza muito o custo da conversão do carro: “E é isso que deve ser dinamizado”.

Neste momento são mil viaturas movidas a gás, das quais 150 pertencem à empresa dos transportes públicos de Maputo. As restantes são de instituições privadas e públicas, bem como de singulares. A Autogás estima que a frota de viaturas movidas a gás atingirá as 800 mil viaturas até 2020.

“Achamos que é chegado o momento daquelas empresas que importam viaturas começarem a desempenhar também o seu papel, importando viaturas de fábrica que circulem a gás, para que estejam disponíveis nos stands de venda”, disse Neves.

Muitos automobilistas ainda hesitam em comprar ou converter as suas viaturas para funcionarem a gás por pensarem que não terão assistência, nem postos de abastecimentos em número suficiente. A Autogás, garante que neste momento estão a ser construídos mais postos de abastecimentos e centros de conversão, e promete ainda assistência técnica: “Estamos a fazer esse trabalho gradual. Não vai haver crescimento de postos sem que haja consumidores. Mas temos estado a acompanhar o nível de crescimento de consumidores com mais postos para aumentar o conforto do abastecimento”.

Moçambique: Militantes ameaçam com insurgências de pequena escala

Os militantes da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) tem a capacidade de lançar ataques de pequena escala nas principais infraestruturas energéticas do Moçambique, o que poderá vir a constituir um mau presságio para o progresso significativo do país e as recentes grandes descobertas de gás no Rovuma.



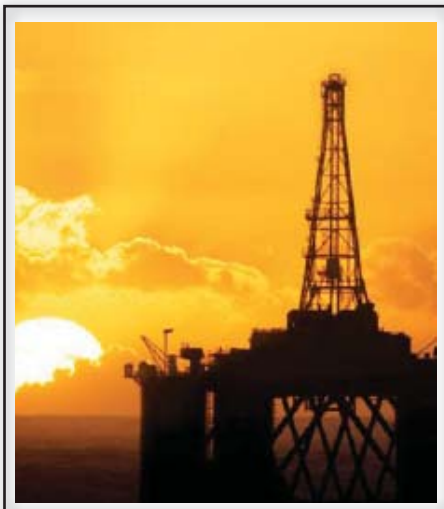
ENTRETANTO, neste momento não se acredita que o grupo tenha a capacidade de lançar uma investida em grande escala. Alvos mais prováveis da RENAMO no futuro imediato poderão ser as empresas de mineração de carvão, que operam no centro carbonífero do país. ■

(DW) ■

GRANDES AMBIÇÕES NA INDÚSTRIA MOÇAMBICANA DE PETRÓLEO & GÁS

ENH poderá ser convertida em operadora petrolífera em 30 anos

A Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH) de Moçambique vai ser convertida em operadora petrolífera no prazo máximo de 30 anos, anunciou o presidente da empresa, citado pela jornal estatal Notícias, em Maputo.



NELSON OCUANE, presidente da empresa gestora das participações do Estado nos projectos de explora-

ção de hidrocarbonetos no país, disse que a ENH pretende valorizar as participações que detém nos 11 projectos de pesquisa e exploração de hidrocarbonetos em curso e que está a lançar as bases para a sua transformação em operadora petrolífera, o que deverá ocorrer dentro de 25 a 30 anos.

O responsável disse que, relativamente à bacia do Rovuma, os projectos de pesquisa liderados pela Anadarko Petroleum Corporation (área 1) e pela ENI (área 4) são os que estão mais desenvolvidos, sendo que, em cada um deles, a ENH detém uma quota de 15%.

“Na área de produção, estamos envolvidos no projecto Pande/Temane, operado pela Sasol e neste projecto, a

ENH, através da Companhia Moçambicana de Hidrocarbonetos, participa com 25%”, referiu.

Igual participação (25%) tem a empresa no gasoduto que liga a região de Temane, na província de Inhambane, no sul do país, à África do Sul, numa extensão de 875 quilómetros e que é explorado pela sul-africana Sasol (50%) e pelo governo daquele país vizinho (25%).

Ainda de acordo com o responsável, a previsão de investimentos para a criação de unidades de liquefacção de gás deverão situar-se entre 14 mil milhões e 20 mil milhões de dólares, nos próximos anos, sendo a comparticipação financeira da ENH de 700 milhões de dólares se forem construídas duas unidades e de mil milhões de dólares se forem construídas quatro unidades.

Nesta entrevista, o presidente da ENH reforçou novamente a afirmação de que as participações da empresa não estão à venda. ■

CARVÃO & MINERAÇÃO:**Moçambique: Rio Tinto pondera venda dos activos carboníferos no país**

A Ncondezi Coal Company (LON: NCCL) conquistou um novo investidor. Trata-se da Kulczyk Investments, que passa a deter uma participação directa de 9,2% no grupo mineiro e energético baseado em Moçambique.

O WALL STREET Journal refere que a mineradora anglo-australiana, com sede em Londres, está a avaliar a possibilidade de venda total ou parcial dos activos da unidade moçambicana do grupo que opera na área de extracção de carvão no país. Estando em operação um concurso interbancário para seleccionar um consultor financeiro que irá viabilizar o processo estando em operação um concurso interbancário para seleccionar um consultor financeiro que irá viabilizar o processo.



De acordo com as notícias do mercado, A Rio Tinto está a tentar reforçar sua folha de pagamentos por meio da alienação de um conjunto de activos de baixo desempenho e não estratégicos. “Se a opção minoria joga é escolhido, o comprador iria compartilhar grande carga de despesas de capital do projecto”, disse uma fonte próxima. Mas “Se optar-se pela venda de toda unidade de carvão, a mineradora poderá cobrar mais de US\$ 700 milhões,” outra uma outra fonte com conhecimento do assunto. ■

EM FOCO:

Suspensão de exportações de carvão pode ter consequências para economia moçambicana

A empresa mineira anglo-australiana Rio Tinto suspendeu as exportações de carvão de Moçambique. Medida poderá ter um impacto negativo não só para o gigante mineiro, como também para a economia moçambicana.



A SUSPENSÃO das exportações de carvão de Moçambique pela empresa mineira Rio Tinto ocorre na sequência das ameaças proferidas pelos ex-guerrilheiros da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) contra a linha ferroviária de Sena, da qual depende o transporte do carvão. A Linha de Sena liga a localidade de Moatize, na província de Tete, onde se encontram grandes reservas de carvão e onde a Rio Tinto, entre outros gigantes mineiros, opera e, a cidade portuária da Beira, de onde é exportado o carvão de Tete.

Recentemente, um dos comboios da Rio Tinto descarrilou na fronteira com o Malawi, sem que haja ainda certezas sobre as causas do incidente. O governador da província de Tete, Ratxide Gogo, adiantou apenas que estava em curso uma investigação.

Para a empresa, a decisão da suspensão das exportações, anunciada também pelo governador de Tete, trará certamente prejuízos, diz Paula Carvalho, economista-chefe do Banco Português de Investimentos, BPI, especializada em Moçambique, visto que o investimento da empresa mineira terá sido feito, tendo em conta determinada previsão de produção e escoamento da produção para o mercado externo.

Actualmente, uma parte crescente da actividade económica de Moçambique está a ter origem no sector da indústria extractiva, diz Paula Carvalho. “Em 2012, a indústria extractiva, sobretudo o aumento da produção do carvão, contribuiu com cerca de 0,8 pontos percentuais para o crescimento

económico de Moçambique”.

Na base de todas as previsões de organismos internacionais, que, segundo a analista, “antecipam o crescimento da economia moçambicana acima de 8% ao ano, está a expectativa de aumento da capacidade de produção do sector mineiro e consequente exportação”. Daí que as consequências possam vir a ser, de facto, negativas e possam implicar “eventualmente um abrandamento de canalização de investimento directo estrangeiro para o país”.

De acordo com Paula Carvalho, o investimento directo estrangeiro para Moçambique duplicou em 2012, tendo sido canalizado sobretudo para estes mega-projectos de investimento, como a exploração de carvão, cujo objectivo é direccionado para a exportação. Tal significa que o investimento directo estrangeiro poderá ver cortes se a situação de tensão a nível político continuar no país. Porque, afinal, a estabilidade política é uma das condições fundamentais para a atracção de investimento.

Além disso, a situação tensa também poderia ter reflexo na canalização da ajuda ao desenvolvimento, da qual Moçambique também depende. Isto porque, para a economia moçambicana, o investimento directo estrangeiro, os mega-projectos e a ajuda ao desenvolvimento são, precisamente, factores fundamentais.

Ora, um dos piores cenários para a economia moçambicana seria o encerramento de todas as ligações na zona Centro, tanto as rodoviárias como as ferroviárias, ou seja, o Corredor da Beira, a Estrada Nacional 1 e a Linha de Sena, já que a grande maioria dos recursos naturais se encontra na região mais a Norte.

A Renamo exige, entre outros, uma melhor representação nas forças armadas nacionais e um quinhão mais importante das receitas de gás e carvão, mas nem na sétima ronda de negociações com o Governo, as duas partes alcançaram um consenso de forma a travar a crise político-militar. ■





TRANSPARÊNCIA, CIDADANIA & BOA GOVERNAÇÃO

Benefícios da iniciativa para transparência na indústria extractiva

Os países ricos em recursos naturais, como petróleo, gás e mineração tendem a ter um baixo desempenho económico, uma maior incidência de conflitos, e acarretam sintomas de má governação. Estes efeitos não são inevitáveis e espera-se que, incentivando uma maior transparência nos países ricos nesses recursos, parte desses potenciais impactos negativos possam ser atenuados.

BENEFÍCIOS PARA OS PAÍSES QUE IMPLEMENTAM

A iniciativa em alusão inclui um melhor clima de investimento, sinal claro aos investidores e instituições financeiras internacionais de que o governo está comprometido com uma maior transparência. A ITIE também auxilia no reforço da responsabilização e boa governação, bem como na promoção de uma maior estabilidade económica e política. Estamos, assim, perante um instrumento eficaz que pode contribuir significativamente para a prevenção de conflitos em torno dos sectores de petróleo, mineração e gás.

BENEFÍCIOS PARA AS EMPRESAS E PARA OS INVESTIDORES

A iniciativa mitiga possíveis riscos políticos e de reputação do país.

Tendo em conta que a instabilidade política causada pela má governação é uma clara ameaça para os investimentos. Na indústria extractiva, onde os investimentos são de capital intensivo e dependentes da estabilidade a longo prazo para gerar retornos, reduzir tal instabilidade é benéfico para os negócios.

A transparência dos pagamentos feitos ao governo também pode ajudar a demonstrar a contribuição que o investimento traz aos países.

BENEFÍCIOS PARA A SOCIEDADE CIVIL

Neste preâmbulo, a iniciativa contribui para o incremento da quantidade de informações de domínio público sobre as receitas que os governos administram em nome dos cidadãos, tornando-os governos mais responsáveis. ■

CARVÃO & PRODUÇÃO

Mina de Moatize: Vale Moçambique bate recorde na extracção de carvão em Tete



A mineradora Vale Moçambique atingiu, no mês de Junho passado, um novo recorde com a extracção de 509 mil toneladas de carvão e um novo máximo no escoamento do mineral com 300 mil toneladas transportadas pela linha de caminho-de-ferro do Sena, disse Altiberto Brandão, Director das Operações de Carvão da mineradora.

Segundo Altiberto Brandão, a empresa está a produzir no máximo da capacidade desde Abril de 2012 e que em Junho passado bateu o recorde de produção na mina de Moatize, em Tete, centro do país, com 509 mil toneladas.

Falando na conferência sobre carvão, que decorre desde segunda-feira em Maputo, Brandão disse ainda que a Vale Moçambique prevê exportar este ano três milhões de toneladas, contra 2,6 milhões de toneladas no ano passado.

O grupo brasileiro investiu cerca de 1,9 mil milhões de dólares nas operações em Moatize, província de Tete, e investirá mais 6,4 mil milhões de dólares na expansão da produção da mina e nos projectos de logística, nomeadamente na construção de uma linha de caminho-de-ferro ligando Moatize ao porto de Nacala, através do Malawi.(M) ■



CARVÃO & EXPLORAÇÃO

Grupo Coal India compromete-se a aplicar 42 milhões de dólares em despesas sociais em Moçambique

O grupo mineiro Coal India Ltd (CIL) consignou 42 milhões de dólares para despesas de carácter social em Moçambique a fim de ultrapassar alguns obstáculos que estão aparentemente a impedir a exploração comercial de carvão, afirmou um quadro superior do grupo.

CITADO pela imprensa indiana, o quadro adiantou que o plano de despesas sociais, que inclui a construção de dois institutos de formação profissional, foi já apresentado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Índia, atendendo a que as despesas sociais serão analisadas em encontros bilaterais entre os governos dos dois países.

O grupo CIL, que obteve dois blocos de carvão na província de Tete, centro de Moçambique, em 2009, adjudicou no final do ano passado à Tribeni Minerals Mozambique o contrato de exploração dos 205 quilómetros quadrados com reservas estimadas de mil milhões de toneladas de carvão térmico e de coque ou metalúrgico.

De acordo com o quadro do grupo, o governo de Moçambique apresentou um protesto formal no decurso de conversações bilaterais relativas ao atraso no desenvolvimento dos dois blocos e ao facto de os compromissos assumidos de despesas de carácter social não estarem a seguir o calendário acordado.

O grupo argumentou que as despesas de carácter social não podiam ser uma condição prévia para o desenvolvimento dos blocos uma vez que o seu objectivo era puramente comercial, o que levou a administração do CIL a ponderar desistir dos dois blocos de carvão.

No entanto, o projecto manteve-se de pé devido à intervenção do governo indiano que considerou que o abandono por parte do grupo estatal CIL daria uma impressão errada quanto aos interesses globais da Índia naquela região de África, ainda de acordo com o quadro citado. ■

CARVÃO & EXPLORAÇÃO

Mina de Benga: Rio Tinto acumula perdas de centenas de toneladas de carvão extraído no país

A MINERADORA Rio Tinto perdeu parte de um carregamento de 1386 toneladas de carvão mineral numa composição com 42 vagões na sequência do mais recente descarrilamento ocorrido na linha de Sena, segundo noticiou a imprensa moçambicana.

O acidente, que ocorreu no distrito de Caia, na província de Sofala, quando o comboio efectuava o percurso entre Moatize e o porto da Beira, ficou a dever-se, de acordo com o ministro dos Transportes e Comunicações, Paulo Zucula, a defeitos na reconstrução da linha, obra que foi adjudicada à empresa Ricon, uma parceria dos grupos estatais indianos Rail India Technical and Economic Service (RITES) e Ircon International.

No entanto, o ministro reconheceu em declarações ao jornal Notícias, de Maputo, que os descarrilamentos tiveram uma redução substancial naquela linha férrea devido aos mecanismos de segurança introduzidos desde que teve início o transporte regular de carvão mineral, o que permitiu passar de dois acidentes para menos de um por mês.

Paulo Zucula adiantou que a estatal Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) está a proceder a obras para reparar os defeitos mais evidentes e sublinhou a necessidade de os maquinistas das composições respeitarem os limites de velocidade em cada um dos troços da linha.

A linha de Sena acomoda um tráfego médio de 12 comboios diários, todos eles afectos ao transporte de carvão mineral extraído em Moatize, província de Tete, destinado à exportação através do porto da Beira.

Sobre a mesma linha circula igualmente um comboio diário, operado pela CFM, transportando melão e açúcar provenientes da Açucareira de Marromeu, calcário de Muanza e madeira de Doa, além dos dois comboios de passageiros que, semanalmente, asseguram a ligação entre Beira – Marromeu e Beira – Moatize.

Entretanto, o director-geral da Rio Tinto Coal Mozambique, Andrew Woodley, disse que a empresa pretende aumentar a produção da mina de Benga logo que exista capacidade adicional de transporte, que permita escoar o carvão extraído até aos portos do Oceano Índico para exportação.

No decurso de uma conferência sobre carvão, Woodley adiantou que a prospecção efectuada, em que foram despendidos 140 milhões de dólares, confirmou a revisão em baixa da estimativa relativamente ao carvão de coque existente mas acrescentou que mesmo assim “existe carvão em quantidade considerável.”(M) ■



PAÍSES AFRICANOS EM CONFLITOS

NIGÉRIA

A **ECONOMIA** da Nigéria assenta no petróleo, mas devido à má gestão ma-croeconómica, atravessa uma reforma substancial, posta em prática pela nova liderança civil do país.

Os anteriores governantes militares da Nigéria não foram capazes de diversificar a economia e afastá-la da sobredependência de um sector petrolífero de capitais intensivos, o qual é responsável por 20% do PIB, 95% das receitas de exportação e cerca de 65% das receitas orçamentais.

Os recursos minerais incluem o petróleo, o carvão e o estanho. ■



PUB.



REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

A **ECONOMIA** do RDC depende fortemente de mineração, possui alguns dos melhores depósitos mundiais de cobre e cobalto, diamantes, ouro, ferro e urânio. No entanto, a actividade económica ocorre principalmente no setor informal e não é refletido no PIB. A RDC é uma nação que possui uma vasta riqueza potencial que declinou drasticamente desde os meados da década de 1980. Os dois recentes conflitos, que se iniciaram em 1998, reduziram dramaticamente a produção nacional e as receitas do governo, aumentaram a dívida externa. Após anos de guerras, ditaduras e tumultos, a infraestrutura do país ou está em ruínas ou é inexistente, e as operações de extração produzem apenas uma fração de seu potencial. ■

**VISITA E PUBLICITE
AQUI E NO**

www.energiamocambique.co.mz

OS SEUS PRODUTOS
E SERVIÇOS.

SUBSCREVA ESTE
e-NEWSLETTER

TEL: +258 21 32 71 16/ 17

+258 84 30 66 780

e-MAIL: energiamoz@gmail.com /



e - newsletter

O Newsletter quinzenal Energia & Indústria Extractiva é um dos vários canais do Projecto Energia Moçambique disponível no formato electrónico em

www.energiamocambique.co.mz

e impresso através da revista trimestral **Energia Moçambique**, contando ainda com um programa televisivo com o mesmo nome transmitido na Televisão de Moçambique, às quartas-feiras.

O Newsletter **Energia Moçambique**, veicula os principais acontecimentos passíveis com forte impacto no sector da energia e indústria extractiva tanto a nível nacional, regional e internacional.

Com o Projecto *media* **Energia Moçambique**, o Newsletter o primeiro e único com especialização em Energia & Indústria Extractiva, o que faz dele um canal privilegiado e exclusivo para empresas que pretendam anunciar os seus produtos, serviços e a sua marca neste canal.

TABELA para NEWSLETTER e WEBSITE

2 edições
QUINZENAIS

(BILINGUE): 20.000,00MT/Mês

**Somos o vosso consultor de comunicação
no sector de ENERGIA & INDÚSTRIA EXTRACTIVA**

COMUNICAMOS COM ENERGIA

Siga-nos no site, twitter, facebook, newsletter, Revista Energia Moçambique e na televisão

e-MAIL: energiamoz@gmail.com /



Prédio Cardoso - Av. 25 de Setembro, N. 1123, 1º e 2º andar, Porta N.
Tel.: +258 21 32 71 16 / 21 32 71 17 • Fax: +258 21 30 09 48
Cel: +258 84 30 66 780 • Caixa Postal: 302
E-mail: inguila.sevene@status.co.mz • www.status.co.mz
Maputo - Moçambique



QUALITY SUMMIT

NEW YORK

2 0 1 2

Certificate

NEW YORK CONVENTION 2012

**Projecto Energia Moçambique
Status Consultores de Comunicação, Lda.**

awarded with the

QUALITY SUMMIT
NEW YORK 2012

GOLD AWARD FOR EXCELLENCE
AND BUSINESS PRESTIGE

In recognition of the continuous search for
quality demonstrated by the achievement
of ongoing development and innovation
applied to solutions which create business results

New York, 28th of May, 2012



José E. Prieto
President and CEO of Business Initiative Directions



F-078-341-1068

Com excelência
e orgulho,
produzimos
energia limpa
e geramos
riqueza.

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA
O Orgulho de Moçambique



www.hcb.co.mz

